

## CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA FRENTE AO ATENDIMENTO DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA.

<sup>1</sup>OLIVEIRA, F. R

<sup>2</sup>FERREIRA, G.M.M

### RESUMO

Este artigo trata-se de uma revisão bibliográfica, de natureza qualitativa, que buscou apresentar de forma abrangente as contribuições do psicólogo para o atendimento de mulheres vítimas de violência psicológica, visando compreender os prejuízos que emergem perante esta situação e identificando as dificuldades que o profissional enfrenta para exercer sua função. Torna-se importante que o profissional de psicologia compreenda que não há um protocolo a ser seguido nesse tipo de acompanhamento, dado que o manejo deve ocorrer de acordo com as necessidades individuais de cada vítima. No entanto, há algumas recomendações que auxiliam o psicólogo a alcançar uma boa evolução diante do caso. O papel do psicólogo é muito valioso, tendo em vista que se trata de um profissional qualificado para compreender o indivíduo abrangendo variadas perspectivas.

**Palavras-chave:** Violência contra mulheres. Violência psicológica. Psicologia e violência.

### ABSTRACT

This article is a bibliographical review, of a qualitative nature, which sought to comprehensively present the psychologist's contributions to the care of women victims of psychological violence, aiming to understand the losses that emerge in this situation and identifying the difficulties that the professional face to perform its function. It is important that the psychology professional understands that there is no protocol to be followed in this type of monitoring, given that management must occur according to the individual needs of each victim. However, there are some recommendations that help the psychologist to achieve good progress in the case.

---

<sup>1</sup> Franciele Reis de Oliveira. Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana-Pr. 2024 Contato: franciele\_reis\_oliveira@hotmail.com

<sup>2</sup> Giovana Maria Mourinho Ferreira. Orientadora da pesquisa. Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2024. Contato: giovanammourinho@gmail.com

The role of the psychologist is very valuable, considering that he is a professional qualified to understand the individual from different perspectives.

**Keywords:** Violence against women. Psychological violence. Psychology and violence.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar as implicações da violência psicológica vivenciada por mulheres a partir do olhar do profissional de Psicologia; incluindo especificamente a investigação dos danos que a violência psicológica provoca na saúde mental e emocional das vítimas e analisando as potencialidades e dificuldades dos profissionais de Psicologia no atendimento da vítima de violência psicológica.

O presente artigo visa explorar questões sobre a violência psicológica contra mulheres, elaborada por parceiros íntimos. No estudo realizado por Tonel *et al.* (2022), os autores apresentam alguns dados importantes, no geral, no período de 2011 a 2021, 655 mil denúncias de violência psicológica foram realizadas no Brasil. Os casos em que pessoas do sexo feminino sofreram este tipo de violência aumentaram gradativamente com o passar dos anos representando 83,8%, tratam-se em sua maioria de mulheres de 20 a 59 anos.

A efetivação das denúncias é de extrema importância para entender as proporções da violência, Moreira, Boris e Venancio (2011), articulam sobre os motivos para a não concretização das queixas, dentre as explicações está a resistência que as mulheres possuem em se reconhecerem como vítimas.

A violência pode deixar sequelas graves nas vítimas em âmbitos econômicos, sociais e psíquicos, este último apresenta-se com mais incidência. Devido à abundância dessas marcas, é indicado que o tratamento com a vítima aconteça de forma multidisciplinar, se fazendo indispensável o tratamento psicológico. O profissional de Psicologia carrega consigo o objetivo de garantir a saúde psicológica da paciente, diminuindo as chances de ocorrência de desequilíbrios ou distúrbios de ordem psicológica, as condutas do profissional para auxiliar na melhora da vítima devem ser elaboradas de acordo com cada caso. (Venâncio e Leal, 2004)

Sobre os prejuízos aparentes, Porto (2006) revelou que nos atendimentos com a vítima de violência psicológica, o psicólogo pode se deparar com mulheres manifestando sintomas de depressão e ansiedade, o autor comenta ainda que sentimentos de agonia, impaciência, angústia e insônia podem emergir como consequência da violência.

Em meio aos fatores que influenciam a ação deste tipo de violência estão agentes estruturais históricos e de relações de gênero. Este último apresenta como efeito o patriarcado, que vê o sexo feminino apenas como sujeito a ser dominado pelo homem, abrangendo inúmeras perspectivas, como nos campos políticos, econômicos e profissionais. (Boris e Cesidio, 2007).

## **METODOLOGIA**

Como instrumento de pesquisa e suporte teórico foram utilizados artigos encontrados em bases de dados como Lilacs, Scielo e Pepsic; a pesquisa priorizou as publicações nacionais. Foi realizada uma busca avançada contendo palavras chaves em conexão com o assunto principal, sendo elas: violência contra mulheres, violência psicológica, Psicologia e violência, relações de gênero e intervenções da Psicologia; as buscas envolveram um recorte temporal dos últimos 5 anos referente ao período de 2019 a 2024. Foram inicialmente encontrados 40 artigos, após a aplicação dos critérios de inclusão, descartou-se 28 materiais. No total, 12 artigos foram considerados relevantes para a análise final (quadro 1).

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A escolha da metodologia possibilitou a análise bibliográfica de diversas publicações que envolvem a Psicologia, abordando seu manejo e intervenções frente ao atendimento de mulheres vítimas de violência psicológica, visando o reconhecimento da grave situação. Os artigos selecionados foram organizados de acordo com o quadro 1. As discussões foram realizadas a partir da análise dos artigos e apoiadas em referências técnicas, especialmente no documento *Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) em programas de atenção à mulher em situação de violência*, do ano de 2013, e produzida pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP).

**Quadro 1 - Estudos selecionados para revisão bibliográfica**

<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Autor</b>	<b>Local</b>	<b>Objetivo</b>
Afetos e emocionalidades em mulheres que sofreram violência por parceiro íntimo	2023	<u>MAGALHÃES, B. M.;</u> <u>ZANELLO, V.;</u> <u>FERREIRA, I. F. R.</u>	Brasília-DF	Investigar os sentimentos, afetos e emoções vivenciados por mulheres que sofreram violência física em relacionamento íntimo, como eles se configuram e se manifestam na inserção, manutenção e saída de um relacionamento violento heterossexual
Atendimento a Mulheres em Situação de Violência: A Experiência de Profissionais de um Creas	2022	<u>INCERPE, P. R. B.;</u> <u>CURY, V. E.</u>	Rio de Janeiro-RJ	Compreender a experiência de profissionais no atendimento a mulheres em situação de violência em um Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS)
Atendimentos Psicossociais a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência Sexual: Percepções de Psicólogas de um Creas/Paef	2022	<u>MARTINS, J. S.;</u> <u>SANTOS, D. K.</u>	Florianópolis-SC	Problematizar as percepções de psicólogas de um Creas/Paefi da região metropolitana de Florianópolis acerca dos atendimentos psicossociais a crianças e adolescentes em situação de violência sexual
A violência contra a mulher na perspectiva da Psicologia: uma revisão bibliográfica	2022	<u>LIMA, S. C. S.;</u> <u>RODRIGUES, J. S.</u>	Fortaleza-CE	Contribuir com o debate existente sobre prevenção e estratégias de enfrentamento à violência de gênero contra as mulheres. Discutir a violência conjugal sob diferentes epistemologias, tais como a Teoria do Apego, Psicanálise e sistêmica
Direcionalidade da Violência em Casais Heterossexuais	2022	<u>RAZERA, J. et al.</u>	Bragança Paulista - SP	Avaliar a direcionalidade da violência conjugal em diferentes manifestações (física, psicológica, coerção sexual e lesão corporal)

Estudo retrospectivo do perfil dos casos de violência contra a mulher	2024	<u>BELLOLI, M.</u> <u>SANTOS, V. K.</u> <u>BORTOLI, C.F.C.</u>	Pato Branco-PR	Caracterizar os casos de violência contra a mulher, notificados em um município do sudoeste do Paraná
Mulheres em Situações de Violência e os Sentidos de Liberdade: Relato de Experiência em uma Política Pública	2020	<u>OLIVEIRA, L. S.</u>	Niteroi-RJ	Problematiza o conceito de liberdade no contexto de mulheres em situações de violência, indo além ou mesmo contrapondo a noção de liberdade vigente no âmbito da ideologia liberal
Olhares da Psicologia acerca das Violências contra as Mulheres: incursões sob a Perspectiva de Gênero	2021	<u>SANTOS, C.M.</u> ; <u>MARTINS, D.M.B.</u>	Salvador-BA	refletir sobre a participação da Psicologia na busca de entendimento e formas de enfrentamentos, diante da série de quadros de violências que atingem as mulheres.
Violência conjugal: diferentes olhares epistemológicos e práticas psicoterapêuticas	2022	<u>BECKER, A. P. S.</u> ; <u>TRIDAPALLI, A. L.</u> ; <u>BOLZE, S. D. A</u>	São João Del Reis-MG	Discutir a violência conjugal sob diferentes epistemologias, tais como a Teoria do Apego, Psicanálise e sistêmica
Violência contra Mulheres: Diretrizes Políticas da Psicologia para o Exercício Profissional	2022	<u>CANTARES, T. DA S.</u> ; <u>GUZZO, R. S. L</u>	Campinas-S P	Discutir as diretrizes políticas da Psicologia, no que diz respeito à violência contra as mulheres
Violência entre Parceiros Íntimos e as Implicações para a Saúde da Mulher	2020	<u>LOURENÇO, L.</u> <u>COSTA, D. P.</u>	Juiz de fora - MG	Investigar por meio de uma revisão sistemática da literatura as consequências da violência doméstica entre parceiros íntimos para a saúde da mulher.

Violência por parceiro íntimo e resiliência em mulheres da Amazônia ocidental brasileira	2022	<u>VALENZUELA, V. V. et al.</u>	São Paulo-SP	Verificar a prevalência da violência contra a mulher perpetrada pelo parceiro íntimo, identificar o fator predominante da resiliência, verificar se a violência por parceiro íntimo influencia na resiliência
--	------	---------------------------------	--------------	---

Fonte: Elaboração da própria autora.

### **Violência Psicológica e Relações de Gênero**

Com o objetivo de penalizar os atos cometidos acerca da violência psicológica, em 2006 foi homologada a lei nº 11.340/2006 que define e criminaliza a violência psicológica contra a mulher seguindo as seguintes condições:

A violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação [...]

A lei estabelecida tem como objetivo consequenciar as atitudes do parceiro que comete violência contra mulher, mas além disso encaminha diversos progressos em relação ao respeito dos direitos das mulheres, porém apesar da apresentação destes aspectos políticos e jurídicos, é importante fortalecer a relevância que existe em discutir o tema constantemente levando em consideração estratégias que promovam a equidade social frente a educação de crianças de ambos os sexos a fim de garantir que estes ajam como agentes na transformação social (Cantares e Guzzo, 2022).

Mesmo com o estabelecimento da Lei, o fato da violência psicológica não possuir caráter físico, a gravidade dos casos, muitas vezes, é vista como de menor urgência, tanto pela sociedade quanto pela vítima, fazendo com que possíveis intervenções sejam postergadas. Comumente as vítimas relatam que a violência

psicológica inicia-se de forma sutil e encoberta, e que com o passar do tempo os atos vão se intensificando, podendo levar a violência física ou sexual.

Alguns fatores históricos trazem clareza à compreensão de como o sexo feminino foi condicionado a manter uma posição de inferioridade perante a sociedade, enquanto que o homem se mostrava como uma figura de poder e força. Deste modo, fica clara a íntima associação entre a violência psicológica contra mulheres e as relações de gênero, Valenzuela *et al.*, (2020, p.6), reafirma esta noção, “A mulher aprendeu a ficar subordinada à figura masculina, aceitando passivamente, desigualdade de escolhas e direitos, conseqüentemente, situações violentas no ambiente familiar [...]”.

Neste trabalho estamos explorando os meios de combater a diferenciação de gêneros, sendo assim faz-se indispensável que a sociedade perceba os prejuízos causados frente ao estabelecimento estrutural e histórico de uma posição de inferioridade da mulher em relação à figura masculina nas relações sociais; e além de pensar em formas de interromper a violência, deve-se abranger a possibilidade de desenvolver e estabelecer novas maneiras de identificação (Magalhães, Zanello e Ferreira, 2023).

O documento Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência (2013), reforça esta colocação apresentando que durante a prestação de serviços se faz necessária a obrigação do profissional de Psicologia de preservar o cumprimento dos direitos humanos visando interromper a ideia de inferiorização do sexo feminino, por meio de produção de materiais que auxiliem nesse processo e ainda viabilizando caminhos que gerem questionamentos acerca das circunstâncias estabelecidas que levam a um padrão social prejudicial tanto para os homens quanto para as mulheres.

Entretanto, por se tratar de uma conjuntura construída e estabelecida com o passar dos anos, a quebra desse padrão não seria algo simples, de acordo com Razera *et al.* (2022, p.534):

[...] sabe-se que os resquícios de uma história social e cultural que mantém distinção entre gêneros não serão excluídos facilmente das relações humanas, sendo latente os reflexos do modelo patriarcal de dominação masculina e vitimização feminina.

Apesar do ponto acerca das relações de gênero citadas anteriormente, a narrativa cultural não deve justificar as violências sofridas pelas mulheres, mas sim manter como objetivo o entendimento a respeito do histórico que influenciou o estabelecimento da violência contra o sexo feminino. De acordo com Oliveira (2020), o psicólogo deve levar em consideração dentro do atendimento, a situação para além das relações de gênero, intervindo de maneira a considerar as angústias que a paciente apresenta de fato, realizando acolhimento e prestando suporte à vítima.

### **Danos Causados às Vítimas**

A partir deste artigo é possível compreender a magnitude dos danos presentes na vida das mulheres que sofrem violência psicológica, esses prejuízos e alguns comportamentos apresentados pela vítima podem tornar mais longo o processo de superação das experiências negativas. Alguns estudos afirmam que as consequências destas situações violentas, “acomete a dignidade humana, fomentando prejuízos físicos e psicológicos que além da vítima, abalam a família, a comunidade e a sociedade” (Belloli, Santos e Bortoli, 2024, p.7). Lourenço e Costa (2020, p. 4), afirmam que consequências físicas também podem se tornar emergentes nas vítimas, como: "cardiopatias, acidentes vasculares, hipertensão arterial, dores crônicas, problemas intestinais e a fibromialgia".

Auxiliando nos apontamentos em relação aos danos causados às mulheres vítimas de violência psicológica, Magalhães, Zanello e Ferreira (2023), apresentam algumas experiências subjetivas das vítimas, relatando que elas podem sentir-se sozinhas, excluídas, constrangidas e culpadas. Além disso “tendem apresentar uma saúde física e mental fragilizada, o que se dá de modo interligado aos contextos de produção e manutenção das opressões vivenciadas” (Lima e Rodrigues, 2022, p.139).

Algumas condutas da vítima que se distanciam da forma mais apropriada de lidar com a situação podem derivar de experiências vividas anteriormente, modificando a forma como elas interpretam o contexto. De acordo com Becker, Tridapalli e Bolze (2021, p.10):

[...] a experiência de ter sido objeto de maus-tratos na infância, seja como vítima direta de comportamentos abusivos, seja indireta, ao presenciar cenas violentas entre os pais, pode se constituir como um potencial fator de risco para a repetição da violência.

Outro fator que influencia a forma como as vítimas veem o contexto, é em relação aos planos românticos que criam sob si buscando alcançar os planos que são estabelecidos pela sociedade. Em decorrência disso algumas mulheres tendem a passar por cima de situações que muitas vezes as incomodam, para que se aproximem da idealização do amor, onde prega-se que este pode superar tudo, produzindo ainda mais circunstâncias em que vulnerabilizam as mulheres (Magalhães, Zanello e Ferreira, 2023).

As autoras ainda afirmam que, “o descentramento do amor romântico e o investimento em si mesma e em projetos fora da esfera amorosa podem funcionar como importantes fatores protetivos.” (Magalhães, Zanello e Ferreira, 2023, p.19). Estas questões fortalecem a ideia de que em meio às ocorrências a mulher tenha dificuldades em se reconhecer como vítima.

### **Rompimento da relação**

Oliveira (2020, p. 490), apresenta algumas noções sobre o processo de ruptura entre vítima e violência, deixando claro os desdobramentos que podem se manifestar perante a situação:

[...] a tentativa de romper com uma relação violenta geralmente é um processo muito difícil, um caminho longo e, muitas vezes, tortuoso, cheio de dúvidas e hesitações, tentativas e desistências, pois envolve uma trama complexa, de elementos e forças que não se desfaz de forma simples e imediata, constituída de: afetos diversos e até ambivalentes com relação ao/à autor/a de violência [...]

O documento Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência (2013), é uma produção norteadora para a atuação diante desse tipo de demanda e também considera alguns sentimentos presentes no processo de afastamento entre vítima e agressor, “pode trazer consigo sentimentos de ameaça e insegurança, calçados ao longo do tempo por sucessivas agressões físicas, morais, psicológicas, patrimoniais.” (p. 63)

Esses obstáculos podem ser criados até mesmo pelas próprias atitudes das vítimas, isso geralmente acontece nos casos em que a violência já está estabelecida há um longo período de tempo, é comum que nestes casos a mulher realize a denúncia, e posteriormente acabe não dando continuidade ao processo, ou, então

volte a se relacionar com o parceiro (Razera et al., 2022). Sendo assim, torna-se indispensável que o profissional de Psicologia compreenda a complexidade dos casos, exigindo certo nível de tolerância.

Embora todos estes danos e dificuldades sejam observadas diante dos casos de violência psicológica, é comum que algumas características positivas sejam observadas nas vítimas no que se refere ao enfrentamento da violência, Valenzuela (2022), apresenta as seguintes conclusões: “o fator resiliência predominante nessas mulheres foi de perseverança, disciplina, bom humor, empatia.” (p.1).

### **Dificuldades e potencialidades da atuação do profissional de Psicologia**

A situação de violência psicológica contra mulheres habitualmente conta com algumas noções enraizadas, como, por exemplo, concordar que os conflitos de uma relação entre homem e mulher devem ser solucionados entre os dois, afastando a possibilidade de ajuda externa. Quanto às crenças demonstradas por profissionais da saúde, muitos ainda entendem que este fenômeno diz respeito apenas à justiça e à segurança pública.

No estudo realizado por Incerpe e Cury (2020), notou-se que as mulheres que atuam como profissionais de Psicologia muitas vezes podem solidarizar-se com os casos de violência psicológica e estabelecem reconhecimento em relação à vítima. Essa identificação tem características tanto positivas quanto negativas em relação ao tratamento, percebendo-se a necessidade do psicoterapeuta analisar constantemente os seus próprios limites dentro da terapia.

Pensando no trabalho em rede também há algumas dificuldades específicas, como ter acesso a outros serviços do mesmo segmento, segundo Martins e Santos (2022) os serviços não funcionam conforme o estabelecido no regimento, deixando a desejar em relação a articulação dos serviços. Além disso os autores relataram que “atender famílias em situação de violência provoca “desgaste emocional”, “estresse”, “sensações de impotência”, dentre outros sentimentos que consideram prejudicar a saúde mental dos(as) profissionais” (p.11)

O estudo de Incerpe e Cury (2022), revelou que, quando os profissionais de psicologia percebem as deficiências do sistema, sentem-se frustrados, tendo em vista que, se os regulamentos funcionassem na prática assim como são exibidos nas

manifestações regimentais, iriam contemplar de forma mais eficaz os atendimentos. As dificuldades no que se refere ao atendimento psicológico também podem ser provenientes dos comportamentos da vítima, como a resistência em romper a relação e ainda as barreiras que a paciente enfrenta para conseguir realizar a revelação e relato dos fatos.

Entretanto, apesar das dificuldades estabelecidas no atendimento psicológico, ainda assim prevalece o sentimento de gratificação e a maioria dos profissionais se sente bem exercendo a função de maneira a estarem comprometidos com o bem estar das vítimas (Incerpe e Cury, 2022). Reelaborar os sentimentos negativos se apresenta como uma maneira eficaz para construir uma postura comprometida que contribui com o bom desenvolvimento da vítima perante o tratamento psicológico.

O psicoterapeuta precisa atentar-se a não expor suas conclusões e conceitos pessoais e moralistas frente ao atendimento, tampouco permitir que estas idealizações interfiram no atendimento, como por exemplo atribuir ao paciente características de fracasso ou impotência; deste modo o psicólogo deve ampliar seus conceitos e considerar diferentes perspectivas a respeito do indivíduo, visando compreender o ambiente social, político e estrutural que levaram a vítima a se deparar com a situação de violência (Oliveira, 2020).

De acordo com o documento Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência (2013), o atendimento psicológico deve objetivar “o acolhimento, a avaliação, a elaboração de laudos e pareceres, os atendimentos individuais e grupais e o encaminhamento da mulher aos demais serviços da rede.” (p.81).

No que diz respeito ao atendimento psicológico de mulheres vítimas de violência psicológica dentro da rede pública, a publicação Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência (2013), afirma que o código de ética do psicólogo seja respeitado, e que o trabalho multiprofissional seja inevitavelmente aplicado; em alguns casos pode haver circunstâncias em que o tratamento da violência afete a equipe ocasionando a instabilidade psicológica dos profissionais, frente a isso faz-se necessário que a equipe seja supervisionada tecnicamente.

A intersectorialidade visa atender a vítima de maneira complexa abrangendo diversos âmbitos da situação em todas as etapas do atendimento em rede, o atendimento psicossocial exige que seja mantido foco na vítima e na violação de direitos (Martins e Santos, 2022). Belloli, Santos e Bortoli (2024), exploram as práticas que devem ser mantidas pelo psicólogo:

No âmbito da saúde, principalmente na atenção primária, traçar o perfil das vítimas e conhecer sua realidade é crucial para estabelecer um vínculo de confiança e por meio da notificação, investigar informações que auxiliem na prevenção e intervenção dos casos, trabalhando o olhar holístico da equipe para identificar e buscar interromper o ciclo de agressões durante o acolhimento. (p. 7)

O psicólogo pode ainda manejar o atendimento de maneira a atentar-se aos indícios de que a violência está estabelecida mesmo sem o relato da vítima, ou ainda analisar os riscos que permeiam a vida da paciente em relação a instalação da violência, deste modo a intervenção do profissional faz-se necessária para promover alternativas para que a vítima proteja-se ou supere a situação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo do desenvolvimento deste artigo, encontraram-se barreiras e restrições em relação à publicação de conteúdos voltados para o atendimento de mulheres vítimas de violência psicológica e ainda materiais que se dirigissem a abordagens específicas. O artigo permitiu o reconhecimento de dificuldades acerca do manejo dos profissionais, abrangendo inclusive as formas como a vítima enxerga a violência.

Durante o atendimento da vítima é necessário que o profissional se preocupe em não adquirir um posicionamento salvacionista, já que a partir do momento em que o terapeuta incorpora este papel ele passa a estabelecer que alguém precisa ser salvo, diminuindo a própria capacidade do indivíduo de sair da situação, ocasionando prejuízos ao processo terapêutico.

Diante de todo contexto envolvido no atendimento de mulheres vítimas de violência psicológica, como, por exemplo, as perspectivas sociais e culturais, é interessante voltar os olhares para a clínica ampliada, uma possibilidade de atuação que vai além da prática convencional. Este tipo de atendimento faz com que o acompanhamento psicológico apareça de maneira mais humanizada, reforçando a

importância de um trabalho interdisciplinar, gerando um suporte mais efetivo e contínuo à vítima.

Outra lacuna encontrada durante o andamento do presente artigo foi a necessidade de criar mais visibilidade ao processo de conscientização da violência psicológica contra mulheres, mostrando a urgência de efetivar transformações no processo de otimização dos conceitos que permeiam o fenômeno.

Em relação à formação do psicólogo é relevante atentar-se a preparação que estes profissionais vêm recebendo, a falta de capacitação técnica e teórica dos profissionais pode dificultar a aplicação e manejo de condutas assertivas durante as sessões com as vítimas de violência psicológica, diminuindo a probabilidade da evolução positiva diante do tratamento.

O profissional de Psicologia deve estar disposto a realizar o acolhimento da vítima e traçar um plano de tratamento junto à equipe multiprofissional, visando implementar estratégias que promovam a prevenção e intervenção dos casos. Este planejamento em equipe deve ocorrer de maneira a respeitar o conhecimento das outras áreas ao mesmo tempo em que fornece contribuições adequadas referente a área de Psicologia.

O artigo visou contribuir com a definição das condutas que serão praticadas pelo psicólogo perante os atendimentos com a vítima de violência psicológica. Acerca deste assunto, o papel do psicólogo é muito valoroso, tendo em vista que trata-se de um profissional qualificado para compreender o indivíduo abrangendo variadas perspectivas, validando seus sentimentos e percepções, e utilizando métodos eficazes para conduzir a paciente a conquistar a superação da situação.

## REFERÊNCIAS

BECKER, A. P. S.; TRIDAPALLI, A. L.; BOLZE, S. D. A. Violência conjugal: diferentes olhares epistemológicos e práticas psicoterapêuticas. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 1–13, 2021. Disponível em: [https://seer.ufsj.edu.br/revista\\_ppp/article/view/e3129](https://seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/e3129).

BELLOLI, M. G.; SANTOS, V. K. A; BORTOLI, C. D. F. C. Estudo retrospectivo do perfil dos casos de violência contra a mulher. *Journal of Nursing and Health*, v. 14, n. 2, p. e1426804, 24 jun. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/26804/19999>

BORIS, G. D. J.; CESÍDIO, M. H. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. VII, n. 2, p. 451-478, set/2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/271/27170212.pdf>

BRASIL. Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha. Brasília, DF, Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm).

CANTARES, T. DA S.; GUZZO, R. S. L.. Violência contra Mulheres: Diretrizes Políticas da Psicologia para o Exercício Profissional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 42, p. e236907, 2022.

Centro de Referência Técnica em Psicologia e Política Pública. (2013). Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) em programas de atenção à mulher em situação de violência. CFP. <http://crepop.pol.org.br/novo/cat/publicacoes/referencias-tecnicas>

INCERPE, P. R. B.; CURY, V. E. Atendimento a Mulheres em Situação de Violência: A Experiência de Profissionais de um Creas. *Estudos e pesquisas em Psicologia*, v.03, n.3, p. 919-939, set. 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/54357/35020>

LIMA, S. C. S.; RODRIGUES, J. S.. A violência contra a mulher na perspectiva da psicologia: uma revisão bibliográfica. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 139-153, jan./jun. 2022. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/64211/1/2022\\_art\\_scslimajsrodrigues.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/64211/1/2022_art_scslimajsrodrigues.pdf)

LOURENÇO, L. M.; COSTA, D. P. Violência entre Parceiros Íntimos e as Implicações para a Saúde da Mulher. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 13, n. 1, p. 1–18, 2020. Disponível: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v13n1/10.pdf>

MAGALHÃES, B. M.; ZANELLO, V.; FERREIRA, I. F. R. Vista do Afetos e Emocionalidades em Mulheres que Sofreram Violência por Parceiro Íntimo. 20 mar. 2023. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/15159/11899>.

MARTINS, J. S.; SANTOS, D. K. DOS .. atendimentos Psicossociais a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência Sexual: Percepções de Psicólogas de um

Creas/Paefi. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 42, p. e233520, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/v7rgrtXgpWBSzJzGqfwdyhC/?lang=pt&format=pdf>

MOREIRA, V.; BORIS, G. D. J. B.; VENÂNCIO, N.. O estigma da violência sofrida por mulheres na relação com seus parceiros íntimos. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, n. 2, p. 398–406, maio 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/4xyhTgzY4CpZ8W5xmV78JJS/?lang=pt&format=pdf>

OLIVEIRA, L. S.. Mulheres em Situações de Violência e os Sentidos de Liberdade: Relato de Experiência em uma Política Pública. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 481–499, 2020. DOI: 10.12957/epp.2020.52581. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/52581>.

PORTO, M.. Violência contra a mulher e atendimento psicológico: o que pensam os/as gestores/as municipais do SUS. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 26, n. 3, p. 426–439, set. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/bFwrhK5bWyYZ6xLqv9mpHzk/?lang=pt&format=pdf>

RAZERA, J. et al.. Direcionalidade da Violência em Casais Heterossexuais. *Psico-USF*, v. 27, n. 3, p. 527–538, jul. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psuf/a/Snn3JMzrcGwQkRjBRYyB3dR/?lang=pt&format=pdf>

SANTOS, C. M.; MARTINS, D. M. B.. Olhares da Psicologia acerca das Violências contra as Mulheres: incursões sob a Perspectiva de Gênero. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, Salvador, Brasil, v. 9, n. 1, p. 103–115, 2020. DOI: 10.17267/2317-3394rps.v9i1.2571. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/2571>

TONEL, D. P.; et al. Violência psicológica no Brasil: análise temporal e de gênero na última década. *Disciplinarum Scientia | Saúde*, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 37–48, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/view/4175>.

VALENZUELA, V. V. V. et al.. Violência por parceiro íntimo e resiliência em mulheres da Amazônia ocidental brasileira. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 35, p. eAPE0199345, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/Hb8hH8rBFDm98NvLTyn3v8H/?lang=pt&format=pdf>

VENÂNCIO, J. L.; LEAL, V. M. S. Importância da Atuação do Psicólogo no Tratamento de Mulheres com Câncer de Mama. *Revista Brasileira de Cancerologia*,

[S. l.], v. 50, n. 1, p. 55–63, 2004. DOI: 10.32635/2176-9745.RBC.2004v50n1.2059.  
Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/2059>.